

## Experiência de Deus como lugar litúrgico-teológico

*Antônio Denilson de Sousa*<sup>1</sup>

**Resumo:** Enquanto alguns negam a existência de Deus, outros pregam a experiência com Ele. Experimentar Deus será a grande questão a ser abordada em nossa comunicação para chegarmos à conclusão de que Ele, por mais que não seja visto pelos olhos humanos e não se toque pelas mãos humanas, revelar-se-á pela vivência de uma espiritualidade profunda. Haverá uma abordagem à vida espiritual para que se note que Deus, mesmo invisível aos olhos de alguns, faz-se presente, pois Ele não se esconde, mas se revela como uma realidade possível na vida do homem. Porém, o ser humano precisa assumir o compromisso de adotar uma vida de busca, isto é, deve trilhar os caminhos que levem a Deus para que no encontro com Ele descubra uma experiência de amor que gere a fé e proporcione a conversão. Utilizaremos uma pesquisa bibliográfica que, em resumo, procura explicar e explorar um problema a partir de uma literatura ou referencial teórico já existente, podendo ser realizada por meio de uma abordagem qualitativa. Enfim, pela espiritualidade que rege a vida o ser humano poderá se comunicar e falar de um Deus que não é desconhecido e nem está distante, mas de um Deus próximo e real.

**Palavras-chave:** Experimentar Deus. Espiritualidade. Experiência de Deus.

### INTRODUÇÃO

Durante o ensino médio, diante da disciplina de filosofia, quem de nós nunca se deparou com um professor que nos interrogava acerca da existência de Deus? Mesmo tendo a Filosofia diferentes áreas de estudo, o empirismo<sup>2</sup>, parecia ser a única via de pensamento a ser adotada pelos professores, pois os questionamentos oferecidos em sala de aula para questionarem Deus eram sempre os mesmos: se Deus existe, mostre-me a sua pessoa, toque nele, como você pode crer no que não vê? Vejamos que tal pergunta, fundamenta-se no

1 Especialista em Direito Matrimonial Canônico – Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – (FCRN); Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), E-mail: antonio.2021606018@unicap.br

2 John Locke (1632-1704) foi um filósofo inglês, um dos principais representante do empirismo - doutrina filosófica que afirmava que o conhecimento era determinado pela experiência, tanto de origem externa, nas sensações, quanto interna, a partir das reflexões. John Locke foi um dos principais empiristas britânicos, junto com Thomas Hobbes, George Berkeley e David Hume. Sua filosofia reconhece a experiência como a única fonte válida de conhecimento. Segundo ele, a sensação ou a experiência externa, e a reflexão ou a experiência interna, constituem duas fontes de conhecimento originando-se assim ideias simples, produto da sensação, e ideias complexas, provenientes da reflexão. John Locke negava radicalmente que existiam ideias inatas, tese defendida por Descartes. Argumentava ele, que quando se nasce, a mente é uma página em branco que a experiência vai preenchendo. Sua teoria do conhecimento foi exposta em sua obra fundamental: “Ensaio Sobre o Conhecimento Humano”. [https://www.ebiografia.com/john\\_locke/](https://www.ebiografia.com/john_locke/)

pensamento do filósofo John Locke<sup>3</sup> que vai defender que o homem enquanto uma tábula rasa e na medida em que vai tendo contato com o mundo ele adquire experiência e cria seus próprios conhecimentos ou verdades produzidas por meio dos sentidos. Ora, se Deus não é visto e nem tocado, ele não faz parte da experiência humana e torna-se irreal. Nesta situação, o aluno sem um conhecimento filosófico prévio não conseguirá argumentar suficientemente os questionamentos do professor, a não ser que tenha uma formação humano-religiosa que se assegura no dado da fé.

Hoje, seremos este aluno atrevido e curioso que não irá ficar calado diante da provocação do professor. Onde está Deus, como tocá-Lo, como ouvi-Lo, como vê-Lo? Iremos trilhar um caminho onde será possível se chegar a Deus. Por meio de uma profunda vida espiritual, iremos tocar, ver e sentir Deus na figura do próximo que mostrará a face, nem sempre feliz, mas sofrida e destruída pelo individualismo e pela ganância em busca do ter. Deus se manifestará no rico e no pobre, mas, principalmente, no irmão presente à margem da sociedade, consoante, o Documento de Aparecida.

## 1 EXPERIMENTAR DEUS

Falar de uma experiência de Deus, leva-nos direto à compreensão de uma vivência de fé. Afinal, quanto mais próximo, quanto mais íntimo, quanto mais presente formos na vida de uma pessoa, melhor iremos conhecê-la. Neste processo de conhecimento chegaremos apenas a dois pontos: ou iremos nos aproximar daquele que é conhecido ou iremos nos afastar. Assim acontece no processo de conhecimento de Deus, ficaremos mais próximos ou mais distantes Dele na medida em que o experimentá-Lo. Ele já nos conhece (desde teu ventre te conhecia: Jr 1,5), mas nós para O conhecermos precisamos experimentá-Lo por meio da vida de fé. Note-se que a fé terá que ser entendida enquanto um ponto fundamental para experimentar Deus e, de fato, fé implica, entre outras coisas, em experimentar Deus. Esse é o lado subjetivo da fé, chamado ‘fé fiducial’ ou *fides qua*: a fé ‘pela qual’ (*qua*) o fiel se entrega afetiva e efetivamente a Deus. Naturalmente, a fé subjetiva pressupõe a fé objetiva, a *fides quae* ou fé-doutrina.

Segundo São Paulo, a fé provém da pregação, da escuta da Palavra de Deus (Rm 10,17), ou seja, do conhecimento da Palavra e da sua pregação por meio daqueles que vivem o que pregam por meio do testemunho. É claro que a Igreja se ampara para a transmissão da fé na

3 Corrente filosófica para a qual a experiência é critério ou norma da verdade, considerando-se a palavra “experiência” no significado 2B. Em geral, essa corrente caracteriza-se pelo seguinte: 1a negação do caráter absoluto da verdade ou, ao menos, da verdade acessível ao homem; 2a reconhecimento de que toda verdade pode e deve ser posta à prova, logo eventualmente modificada, corrigida ou abandonada. Portanto, o E. não se opõe à razão ou não a nega, a não ser quando a razão pretende estabelecer verdades necessárias, que valham em absoluto, de tal forma que seria inútil ou contraditório submetê-las a controle. (ABBAGNANO, Nicola, 1901-1990. Dicionário de Filosofia, 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Sagrada Escritura<sup>4</sup>, na santa Tradição<sup>5</sup> e no Magistério<sup>6</sup> da Igreja (Interpretação da bíblia), porém, a criatura humana não se sustenta na teoria, pois tem que ter uma experiência prática. Não basta conhecer Deus teoricamente, por meio dos escritos, por meio do que falaram como testemunho ou do que escreveram os grandes santos e doutores da Igreja, precisa-se conhecer e tornar vivo o que se aprendeu no dia a dia por meio das práticas cristãs que foram iniciadas desde o Batismo, quando assumimos o sacerdócio régio e ficamos habilitados para ser eternos pregadores e anunciadores da Palavra de Deus. Após o Batismo, onde se inicia a vida cristã e se experimenta uma vida nova, o cristão através dos primeiros ensinamentos na igreja doméstica<sup>7</sup> e na catequese oferecida pela Igreja nos momentos de encontro formativos e oracionais, ele vai desenvolvendo uma fé subjetiva que transformará sua fé em espiritualidade, por isso, podemos afirmar que

espiritualidade é, pois, esforço de subjetivação da fé, ou seja, de transformar a fé em experiência. Ora, como toda experiência, a ‘experiência de Deus’ é o acompanhante ou o resultado de um toque ou, melhor, de um contato direto e imediato com Deus. A experiência segue, como sombra, a união íntima da alma com Deus. De fato, quando se fala em experiência de Deus, o que está em jogo é sempre uma relação tu a tu, coração a coração, sem nada interposto (BOFF, 2017, p. 8).

Existem pessoas que ao se referirem à experiência com Deus, querem fazer de Deus um objeto científico, ou seja, imaginam Deus como algo manipulável ou como um objeto externo onde se possa manusear e manipular numa pesquisa científica. Mas, não é assim que se conhece Deus, afinal, a própria Sagrada Escritura nos fala que querer provar Deus ou tentar Deus, coloca-nos numa categoria de pecado (Ex 17, 2; Mt 4,7). Experimentar Deus significa

4 A *Sagrada Escritura* é a Palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito divino. (Catecismo da Igreja Católica, n.81)

5 Sagrada Tradição, por sua vez, conserva a Palavra de Deus, confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, e transmite-a integralmente aos seus sucessores, para que eles, com a luz do Espírito da verdade, fielmente a conservem, exponham e difundam na sua pregação. (Catecismo da Igreja Católica, n.81).

6 O encargo de interpretar autenticamente a Palavra de Deus, escrita ou contida na Tradição, foi confiado só ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo, isto é, aos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro, o bispo de Roma. Todavia, este Magistério não está acima da Palavra de Deus, mas sim ao seu serviço, ensinando apenas o que foi transmitido, enquanto, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, a ouve piamente, a guarda religiosamente e a expõe fielmente, haurindo deste depósito único da fé tudo quanto propõe à fé como divinamente revelado. (Catecismo da Igreja Católica, n.85-86).

7 O II Concílio do Vaticano chama a família, segundo uma antiga expressão, “*Ecclesia domestica* – Igreja doméstica” (cf. CIC, n.1656). Assim nos fala a Constituição dogmática – sobre a Igreja – *Lumen Gentium*: “Finalmente, os cônjuges cristãos, em virtude do sacramento do Matrimônio, com que significam e participam o mistério da unidade do amor fecundo entre Cristo e a Igreja (cfr. Ef. 5,32), auxiliam-se mutuamente para a santidade, pela vida conjugal e pela procriação e educação dos filhos, e têm assim, no seu estado de vida e na sua ordem, um dom próprio no Povo de Deus (cfr. 1 Cor. 7,7) (21) Desta união origina-se a família, na qual nascem novos cidadãos da sociedade humana os quais, para perpetuar o Povo de Deus através dos tempos, se tornam filhos de Deus pela graça do Espírito Santo, no Batismo. Na família, como numa igreja doméstica, devem os pais, pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos os primeiros arautos da fé e favorecer a vocação própria de cada um, especialmente a vocação sagrada” (*Lumen Gentium*, n.11).

uma ascese, uma elevação espiritual onde se vive uma vida de graça de uma forma consciente, assumida e convicta, isto é, uma opção de vida diferenciada à luz da fé.

## 2 ESPIRITUALIDADE ENQUANTO VIA PARA CONHECER DEUS

Podemos compreender a espiritualidade enquanto uma atitude pessoal e íntima que leva a pessoa a um encontro pessoal com o transcendente, capaz de gerar em sua própria vida efeitos transformadores no seu ser, agir, pensar, relacionar-se com as pessoas e com o mundo. É a forma pela qual cada ser humano navega na sua intimidade nesta busca relacional com Deus. Desta forma, tornar-se um ser espiritualoso é permitir que este desdobramento do dom que é a fé possa torná-lo mais humanizado através da percepção da presença de Deus no mais íntimo do seu ser. Vale saber que nossa dimensão espiritual que modifica nosso jeito de ser não depende de uma religião para obter resultado na vida do homem, mas da experiência pessoal daquele que crê com aquele que é a fonte da crença. Acreditamos que a espiritualidade é a contemplação interior capaz de levar o homem ao desenvolvimento de uma experiência mística que ao longo de sua vida com Jesus Cristo que se comunica na palavra e na celebração. Portanto, ter espiritualidade é simplesmente ter uma fé crescida e cuidada.

Nos dias atuais, falar de experiência de Deus parece soar um pouco estranho à nossa pessoa, quando partimos do princípio de que uma vida pessoal e íntima com Deus seja essencial para o desenvolvimento e fortalecimento da fé. Se o povo cristão é um povo de fé, pressupõe-se que tenha passado por esta experiência com Deus. É verdade, aqueles que possuem fé tiveram um encontro pessoal com Deus, entraram em comunhão com a Trindade Santa, mas, muitos conheceram superficialmente e não se deram a oportunidade para aprofundar este encontro real e permanente com o Senhor. Dantes, “todo cristão entendia a fé como coisa pessoal, a ser vivida em primeira pessoa, como uma relação estreita com os divinos Três. A fé constituía para todos uma ‘experiência de encontro’. Isso era uma autoevidência partilhada por todos” (BOFF, 2017, p. 11).

Há um programa de rádio assumido pelo padre Reginaldo Manzotti intitulado de “experiência de Deus”. Na ocasião há a meditação da Palavra, reza-se novenas e se prioriza a escuta das pessoas com suas realidades sofridas em busca de oração. Diante da dor, o padre radialista orienta ao vivo e internamente, além de encaminhar casos específicos para profissionais específicos segundo a necessidade. São muitos os testemunhos das pessoas que foram merecedoras de alcançarem a graça da solução de seus problemas. A partir daí cada uma, em particular, associa à experiência pessoal que tiveram com Deus por meio da oração orientada pelo padre. Não temos como fugir desta realidade, a intimidade com Deus traz de volta a esperança e a crença de que pela fé tudo é possível. O evangelista João afirma que Deus é Espírito (Jo 4,24), sendo Espírito a nossa parte espiritual será a responsável pela comunicação com Deus. Recordemos o apóstolo Paulo ao afirmar que as verdades reveladas pelo espírito só poderão ser entendidas pelo espírito (2Cor 2,14), ou seja, a experiência espiritual inicia-se internamente, na parte mais profunda da alma, e se torna visível por meio das obras.

Vamos imaginar uma situação em que será necessário fazermos uso dos olhos da fé para encontrarmos o mais profundo de Deus. Todos nós temos a visão que nos revela o sensível, o mundo tal como ele é em suas figuras geométricas, cores e formas. Dentre o que está diante de nossos olhos se encontra a criatura humana. Ao vermos o homem e a mulher, encontramos um ser semelhante a nós e acabamos nos identificando, pois pertencemos à mesma espécie e temos os mesmos membros que nos tornam semelhantes. Porém, somos capazes apenas de enxergarmos o externo. E internamente o que há? A ciência diz que há músculos, vasos sanguíneos, órgãos, vísceras e outros. Porém, com os olhos da fé entendemos que há uma alma. Esta alma, aquela que anima, que dá vida, que impulsiona o homem para Deus é a parte mais profunda e espiritual do ser humano. Com os olhos da alma, olhamos para o outro e não vemos apenas uma pessoa parecida conosco, mas enxergamos alguém que está dentro e que se revela nela: o Cristo. Segundo o Documento de Aparecida (DAp), somente diante de uma espiritualidade profunda, diante de uma forte intimidade com Deus o ser humano será capaz de ver Deus no outros, tais como: pessoas que vivem a experiência de morarem nas ruas (n.407-410), os migrantes (n. 421-416), os enfermos (n.417-421), os dependentes químicos (n.422-426), os presidiários (n.427-430) e muitos outros que vivem às margens da sociedade. O espírito humano, sem dúvida, sente uma atração por tudo aquilo que o aproxima de Deus, e quanto mais experiência o homem tem com Deus, mais apaixonado, mais vias que o conduzem a Ele serão buscadas.

## 2.1 EXPERIÊNCIA EMOCIONAL E EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL

Em nossas experiências religiosas que nos fortalecem na fé, temos duas experiências que merecem destaque: a experiência emocional e a experiência espiritual. É bom, em linhas gerais, falarmos um pouco sobre cada uma.

Nossas igrejas possuem uma diversidade pastoral riquíssima, onde cada pessoa poderá se encontrar nos mais variados grupos, tais como: Apostolado da Oração, Pastoral da criança, da pessoa idosa, Catequese, Movimento da Cruzadinha, Mãe Rainha e Terço dos homens, Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão, Pastoral da comunicação, Pastoral carcerária etc. mas, há também, os grupos que bebem da fonte do pentecostalismo católico (experiência da renovação carismática). Nesta última, encontramos um movimento muito forte fundamentado na oração e adoração, às vezes muito intimista que comove, seduz e gera, mesmo que momentaneamente, uma grande alegria por se experimentar um encontro com Cristo. Porém, constatamos que enquanto a pessoa está inserida nesta realidade oracional e carismática, entra-se num estado mais emotivo onde as lágrimas passam a ser um acessório comum nos momentos de oração, acontecem “repousos espirituais” e entra-se em relaxamento completo ao ponto de muitos não conseguirem ficar em pé. Neste momento, parece que a única forma de orar é estar ali naquele ritmo de oração com a sensação prazerosa até então não experimentada. Mas, em alguns após o momento forte de oração, continuam sentindo o seu vazio interior que trouxeram de suas realidades sofridas, parecem ainda não ter forças

para continuarem lutando contra as barreiras da vida, o que nos faz entender que o encontro real com Cristo pela oração ainda não foi realizado.

Assim acontece com a espiritualidade emocional, ou seja, coisa de momento ou instável sem maior durabilidade. Houve um encontro pessoal com Cristo, mas superficial, nem a pessoa conheceu de verdade Deus, nem ele encontrou espaço ou terreno fértil para ali produzir todos os frutos. Por sua vez, a experiência espiritual

é uma experiência de encontro com Cristo nos Evangelhos e também pela vida dos convertidos. Aí temos a ver com experiências que transformam vidas e criam vida nova. Já a experiência emocional é ambígua, podendo tanto ajudar quanto prejudicar a vida da graça em nós (BOFF, 2017, p. 21).

Portanto, afirmamos que a experiência emocional se dá no campo psicológico, enquanto a espiritual passa pelo plano espiritual. Mesmo assim, tanto a emoção quanto a espiritualidade são fundamentais, afinal, Deus nos criou com razão e emoção, somos razão e sensibilidade, somos corpo e espírito.

Embora muitos possam negar a existência de Deus em suas vidas e sua ação no mundo, nenhuma pessoa terá o poder de tirar de sua vida interior o mesmo Deus. Por causa da grande atitude de amor realizada por Deus em favor da humanidade, quando por amor, realizou a sua autoentrega ao mundo pelo Filho no Espírito, foi-nos garantida a morada do criador no íntimo da criatura. Depois da certeza da presença da Trindade em nós, vem como segundo passo a fé que será uma resposta positiva a Deus e à sua graça, por meio da atitude de entrega amorosa e confiante na trindade santa.

### 3 AÇÃO DE DEUS NA EXPERIÊNCIA HUMANA

No antigo Testamento, por amor, Deus em comunidade, cria todas as coisas e dignifica sua criação dando origem ao homem e à mulher. Como maior presente à humanidade Deus oferece seu amor. Mas, por conta da desobediência o ser humano experimenta o pecado; trazendo consigo o sofrimento e a morte. Adão e Eva se multiplicam e povoam a terra. Depois de povoada, os homens, por conta do pecado que já fazia parte da humanidade, cultivam a inveja e o ódio pelo outro, levando-os à destruição da própria vida – recordemos Caim e Abel. Sendo Deus presente, por isso, vendo, ouvindo e descendo para junto dos seus, Ele vai se revelando, deixando suas mensagens por meio dos sinais e das palavras dos profetas. Estes, por sua vez, homens de profunda oração e intimidade com Deus, transmitiam a mensagem revelada pelo seu Senhor. Alguns ouviam, outros não. Mas, vendo Deus a sua obra criada com o coração duro, realizou o maior ato de amor, ou seja, esvaziou-se (Fl 2,7) de si mesmo e encarnou-se em meio à humanidade e, como amigo (DV) na pessoa de Jesus Cristo transmitiu tudo aquilo que desejava falar a seus filhos terrenos. Assim nos fala a Constituição Dogmática Dei Verbum, n. 04:

Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias, que são os últimos, através de Seu Filho (Hb 1,1-2). Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhes a vida íntima de Deus (Jo 1, 1-18). Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado “como homem para os homens, fala, portanto, as palavras de Deus (Jo 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe mandou realizar (Jo 5,36; 17,4). Por isso, Ele, vê-lo a Ele é ver o Pai (Jo 14,9), com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo, com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com o envio do Espírito de verdade, completa totalmente e confirma com o testemunho divino a revelação, a saber, que Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e para nos ressuscitar para a vida eterna.

Percebamos que o objeto formal da experiência cristã é Jesus Cristo que se ofertou ao mundo com seu amor libertador. A atitude de entrega não é da humanidade, mas de Deus que por amor tomou a iniciativa de se entregar em reparação de nossos pecados (Rm 5,6-8). Notemos que na medida em que Deus ama vamos nos sentindo amados e fortalecemos a certeza de que “o cristianismo não é a religião dos amantes de Deus, mas dos amados de Deus, os quais, é verdade, tornam-se em seguida amantes de Deus e de todas as criaturas” (BOFF, 2017, p. 32).

O próprio papa Francisco em sua carta encíclica Deus Caritas Est afirma que o início da vida cristã não se dá por meio de uma decisão fundamentada em valores ou opções éticas ou diante de uma grande ideia a ser seguida, mas é fruto de um encontro com uma pessoa, onde pela experiência vivida percebe-se um novo horizonte e um rumo transformador para a vida. Neste encontro abandona-se aquilo que destrói e abraça-se o que constrói a história e a vida segundo o amor (DCE, n.1).

Por fim, se do encontro com Deus, na experiência com Ele, o ser do humano é modificado ou transformado, logo, este homem e esta mulher, poderão modificar o meio social em que se encontram e, juntos, transformarão o meio destruído pelo pecado, mas que será resgatado pelo amor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, descobrimos que a fé cristã que brotou de uma profunda espiritualidade está enraizada no amor. Fundamentados no amor a Deus e no amor ao próximo, na medida em que amamos com maior intensidade, maior será a nossa espiritualidade. Aquele que se encontrar e se comunicou com Deus que é amor, obrigatoriamente, descobrirá que a vida espiritual se resume em amar incondicionalmente a Deus, a si e ao outro.

Quem ama, também ora. Orar é comunicar-se, relacionar-se, expor-se diante de Deus e a prova mais concreta do quanto se ama o que ama. Portanto, na experiência do dia a dia com o sagrado, com o outro, consigo mesmo, com a oração e com a obra criada por Deus, possibilitará àquele que ama tornar-se mais espiritualoso, mais íntimo e próximo de Deus. Experimentar Deus é chegar à categoria de amá-Lo e não se imaginar mais longe deste amor.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. 4ª impr. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Clodovis. Experiência de Deus e outros escritos de espiritualidade. 1ª Edição, São Paulo: Paulus, 2017.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2001.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIM ET SPES SOBRE A IGREJA NO MUNDO DE HOJE. In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). Trad. bras. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997.

DOCUMENTO DE APARECIDA. 2ª ed. São Paulo: Edições. CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

Documentos do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2001.

BENTO XVI. Carta Encíclica “Deus carita est”. São Paulo: Paulus; Loyola, 2006.